



COM AS CRIANÇAS NÃO SE PODE NEGOCIAR

Muitos pais não conseguem impor limites e caem na tentação de barganhar com os filhos para conseguir que eles obedeçam.

"Limite" é a nova palavra de ordem dos pais que investem conscientemente no crescimento emocional e na boa educação das crianças. A era da "igualdade" e do excesso de liberdade está no fim. Pesquisadores - e a prática cotidiana - mostram que os pequenos querem mesmo é alguém adulto para lhes dizer o que podem e o que não podem fazer. Precisam de alguém que cuide deles. Para aplicar os limites, porém, os pais liberais precisam vencer alguns desafios diários. Afinal, não é tão fácil dizer "não".

O primeiro grande desafio é resistir à tentação de negociar. É o que muitos pais fazem para conseguir, por exemplo, que seus filhos parem de ver televisão na hora do banho. "Venha tomar banho, que depois você janta assistindo a um vídeo", diz a prestativa mamãe ao pequeno telespectador de 4 ou 5 anos. "Se você não for para a cama agora, não vai ao aniversário amanhã", condiciona o pai à filhinha que insiste em brincar na sala. Na TV, uma orgulhosa senhora pós-moderna diz a uma repórter: "Aqui em casa as crianças sabem que não podem fazer tudo o que querem. Tudo é negociado."

É muito mais fácil convencer os pequenos quando oferecemos recompensas ou acenamos com alguma troca - vantajosa ou não. Mas isso não é estabelecer limites. O limite é estabelecido numa decisão clara dos pais, sem discussão. Na hora do banho, um simples "Vamos para o banheiro" - dito apenas uma vez, carinhosamente - é o mais indicado. Haverá resistência, claro, e aí entra o ingrediente mais importante: o contato físico. A paciente mamãe vai até o filho, segura seu pulso e - com firmeza, mas sem truculência - puxa-o até o banheiro. Sem dizer uma palavra sequer. Ele se arrasta pelo chão? A mãe pega-o então no colo e caminha, aproveitando para lhe dar um longo abraço. Ele ficará plantado no banheiro, chorando e gritando? Sem problemas. É permitido protestar, desde que entre no chuveiro.

Vai parecer uma atitude fria e dura, não? No fundo, as crianças entendem. Ninguém deve se sentir culpado por cuidar de seus filhos, e não é preciso convencê-los de que necessitam, desejam e merecem receber cuidados. A hora do banho, a hora de dormir e tantas outras partes da rotina foram estabelecidas em nome do bem-estar, da saúde e do convívio social e não por um capricho dos pais.

Parece lógico, mas nem por isso é fácil. Dizer "não" ou "chega" implica suportar protestos, raiva e angústia. E aí está o segundo grande desafio: não justificar, não tentar convencer as crianças quanto à validade e a importância da ordem que acaba de ser dada. Para quem cresceu em famílias e regimes autoritários, um "não" desacompanhado de argumentação soa como imposição tirânica. Pior: tememos que a raiva provocada nas crianças faça com que elas deixem de nos amar.

Daí é que ouvimos por toda parte coisas como "Não suba, filhinha, porque senão você cai", "Não coma doce agora, para não perder o apetite", "Não vamos comprar hoje, mas na semana que vem a gente volta aqui", "Você já tem um desses e não vai comprar outro" etc. Dizemos "não" e quase pedimos desculpas por isso. Ou então abusamos da retórica publicitária para vender uma ideia: "Vamos para o banho, para ficar limpinho e cheiroso", "Coma bastante para crescer e ficar forte", "Precisa ir à escola porque lá você aprende e se diverte" etc. São tentativas de causar menos raiva e angústia nas crianças. E são também armadilhas perigosas. Impor limites e suportar a ira angustiada dos pequenos não é apenas importante. É fundamental para o desenvolvimento emocional. Teóricos clássicos e pesquisadores modernos dizem que os limites são nada menos que o passaporte com o qual uma criança se torna um ser humano capaz de respeitar pessoas e leis.

É na frustração dos impulsos que ela vai deixando de ser um "bichinho" para ser alguém com desejos. E a angústia da frustração não pode ser anestesiada. Ao contrário, a criança deve aprender a lidar com a angústia e a raiva assim como com qualquer sentimento. Faz parte da sua vida. Portanto, não importa que eventualmente sintam raiva dos pais porque ouviram um "não". É até bom. A prática mostra que os pais que conseguem aplicar limites claros deixam a criança bem mais segura e tranquila.